

PELO VÃO DA FECHADURA: A realidade e a fantasia em “Os Magros”

Liz Maria Teles de Sá Almeida

Membro da Liga Acadêmica de Produção de Cuidados e Sensibilidades (LAPCS)
do colegiado do curso de medicina, campus Paulo Afonso, BA da UNIVASF.
Membro do NUPHEC - Núcleo de pesquisa em Humanidades, Educação e Ciências do IFBA.
Profa. Língua Portuguesa do IFBA, campus Paulo Afonso.
Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB).
lizpitanga@gmail.com

RESUMO

O artigo aproxima duas áreas do conhecimento: a Literatura e a Psicanálise a fim de compreender o *modus operandi* da “fantasia” na obra “Os Magros” do escritor sul-baiano Euclides Neto. A partir das contribuições de Freud, evidencia-se aqui o entendimento de que tal aproximação seja imprescindível para a interpretação do objeto literário em questão. Para tanto, procurou-se respaldo, sobretudo, na psicanálise de Freud e nos trabalhos dos autores Piglia(1988) e Rudge (1992) para a realização de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Fantasia. “Os Magros”.

ABSTRACT

The article connects two knowledge fields: Literature and Psychoanalysis, in order to understand the *modus operandi* of “fantasy” in the work “*Os Magros*”, by the writer Euclides Neto. Through the contributions of Freud, it is highlighted the understanding that such connection is indispensable for the interpretation of the literary work in question. For this, we sought support specially in Freud’s psychoanalysis and on the work of the authors Piglia (1988) and Rudge (1992) to base the bibliographical research.

Keywords: Literature. Psychoanalysis. Fantasy. *Os Magros*.

“Se o sentido excede o texto, existe falta de consciência em alguma parte. O fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência ou de inconsciente. A tarefa que desde sempre a crítica literária se atribui, consiste em revelar esta falta ou este excesso. Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquele que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las ou até confundi-las”. (Bellemin-Noël¹)

¹ Bellemin-Noel, 1980: 13 *apud* Chalhoub 1999, p.15.

INTRODUÇÃO

Tratadas aqui como são, saberes de naturezas diferentes, Literatura e Psicanálise, – cada uma ao seu modo, – colaboraram para a recepção do nosso objeto, o trabalho do escritor baiano Euclides Neto e, mais especificamente, D. Helena, personagem de uma de suas mais consideráveis obras: “Os Magros”.

O que nos interessa não são as contribuições unilaterais que essas duas epistemologias trazem. Neste momento, vale-nos mais o modo como a Literatura contribui para elucidar conceitos em Psicanálise, bem como a Psicanálise responde questões caras à Literatura. É bem verdade que não se trata de uma relação necessária, embora, frutífera. Foi a reflexão em torno do entrelaçamento Literatura/Psicanálise a responsável por iluminar uma série de inquietações da humanidade, há algumas décadas.

Apesar de serem diversas as questões que emergem quando nos dispomos a discutir a Literatura pela óptica psicanalítica (e vice versa), tentaremos aqui focalizar um único aspecto na obra euclidiana: a fantasia, à luz dos estudos de Sigmund Freud, principalmente do trabalho contido no volume IX, de 1907, intitulado *Escritores criativos e devaneios*. Em cena estará a personagem D. Helena, com seus conflitos oriundos da impossibilidade de realizar a maternidade e o mecanismo de substituição utilizado pela personagem para fechar essa lacuna em sua vida, a fantasia.

Lançaremos mão do pensamento de Freud para melhor compreendermos nosso objeto de estudo; outros autores também servem-nos de farol neste processo de escrita; são eles: Chalhub (1999); Piglia (1997); Rudge (1999).

1 DA NARRATIVA DE EUCLIDES NETO

Embora a criatividade seja originada no inconsciente, a temática em Euclides Neto parece situar-se tão somente na realidade. A realidade mais dura, observável, é transformada em Literatura. Foi o gênero trágico que Euclides Neto escolheu e acreditou que tocaria mais facilmente seus leitores, provocando nestes um clima de reflexão e tomada de atitude diante das injustiças vividas no interior da Bahia da década de 1960.

Liz Maria Teles de Sá Almeida

Naquela época, a região do baixo sul da Bahia vivia sob o regime do coronelismo. Euclides Neto situa sua obra, “Os Magros”, em um momento muito rentável para os grandes fazendeiros donos de roças de cacau. Toda riqueza gerada na região cacauzeira era investida na capital baiana, Salvador, local escolhido pelos fazendeiros e suas famílias para viver. Cenário onde reside uma das famílias da referida obra.

“Os Magros” retrata a vida de duas famílias: João, com sua esposa e mais oito filhos viviam em uma casa simples e apertada nas proximidades da propriedade em que trabalhava no sul da Bahia. Era muito pobre. Apesar da árdua luta diária do patriarca nas roças de cacau, a família mal tinha o que comer. João era funcionário de Dr. Jorge; todavia, pouco o encontrava, pois a história se passa no momento em que os donos da fazenda residiam em Salvador e apenas administravam os lucros das roças de cacau que ficavam sobre os cuidados de um gerente (capataz). A segunda família tratada por Euclides Neto é a de Dr. Jorge, advogado, proprietário da fazenda, que mora com a mulher D. Helena e alguns empregados em uma luxuosa residência na capital baiana.

Por meio da técnica do contraponto, Euclides Neto nos apresenta a história dessas duas famílias, que tinham uma relação de subordinação necessária (João é funcionário de Jorge e um dos responsáveis pela sua riqueza) e viviam realidades adversas. São duas histórias paralelas em uma mesma narrativa. Ao utilizar essa técnica de separação da sua narrativa em duas histórias que se alternam e se completam, Euclides Neto deixa transparecer algo de sua ideologia. Retira de sua formação marxista, que o influenciou para além da literatura², a ideia de uma sociedade dividida em classes. Esse efeito remete às “maneiras de narrar” inauguradas por James Joyce e lembradas por Ricardo Piglia³ em conferência realizada em 1997, segundo o qual, Joyce foi capaz de ler a psicanálise, assim como foi capaz de ler outras coisas.

Joyce foi um grande escritor porque soube entender que havia outras maneiras de fazer literatura fora da tradição literária; que podiam ser encontradas maneiras de narrar no catecismo, por exemplo; que a narração, as técnicas narrativas não estão ligadas apenas às grandes tradições narrativas; que é possível encontrar modos de narrar em outras experiências contemporâneas. A psicanálise foi uma delas. (PIGLIA, 1998)

² Quando Euclides Neto foi prefeito da cidade de Ipiaú, foi o primeiro a realizar com sucesso a experiência da Reforma Agrária, na chamada *Fazenda do povo*.

³ Transcrição de conferência realizada em Buenos Aires, em 7 de julho de 1997. Originalmente na *Folha de São Paulo* em 21/06/98.

Enquanto os estudos, sobretudo literários, preocupavam-se cada vez mais com a construção e o desenrolar das personagens da narrativa, Joyce percebia outras possibilidades de narrar que não se vinculam mais à tradição. Mais do que isso, os modos de narrar se dizem reveladores não apenas do que se escreve, mas de quem escreve e para quem. Euclides Neto, buscou influências do seu modo de narrar na corrente filosófica que defendia e bem definiu com a técnica do contraponto, vislumbrando uma sociedade dividida desigualmente em classes.

2 DA DIVISÃO SOCIAL NA NARRATIVA “OS MAGROS”

No espaço de divisão social criado pelo escritor grapiúna, Dr. Jorge, de família rica, casa-se com D. Helena que descobre-se grávida, porém o marido não aceita a gravidez e providencia os mais variados métodos para interromper o processo. D. Helena torna-se uma mulher infeliz. Alguns anos depois, por causa da fortuna que acumulou, Jorge percebe que é chegado o momento de ter um herdeiro; todavia, não é mais possível junto à esposa, obter o que queria; tenta diversas vezes e não consegue. D. Helena abate-se. Jorge torna-se um homem cada vez mais distante da esposa e, envergonhado por não conseguir um herdeiro para administrar suas riquezas, consegue uma amante, uma loira jovem, com quem passa a dividir sua atividade preferida: comprar brilhantes.

Enquanto isso, D. Helena se isola, cada vez mais frustrada com a não-realização da maternidade. Agrava-se seu estado psíquico. Certo dia, em uma viagem ao Rio de Janeiro, D. Helena compra uma boneca. Um tempo depois começa a visitar casas de alta costura e encomenda vestidos com tecidos importados para a boneca e passa a viver um profundo devaneio: acredita que a boneca é a filha que não conseguira ter. Batiza-a com o nome de Rose Marie, nome que considera chique e que daria para sua filha, se tivesse avançado com aquela gestação.

3 A CONSTRUÇÃO DA FANTASIA NA NARRATIVA EUCLIDIANA

A partir de então, D. Helena começa a dissimular os cuidados com a boneca Rose Marie, sempre realizados no quarto de portas fechadas. Tão logo escancara seus cuidados e proteção à filha, leva-a para passear, tomar banho de sol e fazer compras.

Liz Maria Teles de Sá Almeida

D. Helena solicita à empregada que leve Rose Marie para o banho de sol de rotina; a madame veste a filha com as melhores roupas e fica sempre no portão a observar. Na rua, as pessoas zombam e riem da cena. A mãe contemplando a filha da janela, enquanto a empregada empurra o carrinho, ninando Rose. Dona Helena acreditava que os deboches eram sinais de inveja dos outros que não suportavam o fato de sua filha ter boa saúde, ser corada e vestir as melhores roupas com os mais caros tecidos.

Eram horas devaneando com a boneca. À dona Helena, bastava estar ou pensar na filha para viver aquela fantasia. Criava os desejos, as dores, percebia todos os sentimentos vividos pela filha. Construiu um delírio que influenciaria todas as suas ações nos momentos que estivesse ou pensasse na boneca.

Talvez, nem o próprio Euclides Neto imaginasse a força dos traços psicológicos apresentados por suas personagens dotadas de realidade. Ele, que chegou a declarar, em vida, que não gostava de romances psicológicos, paradoxalmente, ofereceu-nos em sua narrativa – dentre outras coisas – a possibilidade de discutirmos um tema recorrente na psicanálise e principalmente em Freud: a fantasia.

O termo fantasia surge nos escritos freudianos por volta de 1917, em anotações de seus “pensamentos esparsos” tal qual fez no *Rascunho L*⁴, nomeando as fantasias como “fachadas psíquicas” responsáveis por obstruir o caminho às lembranças da infância. Para Freud, as fantasias formam-se a partir de fragmentos de cenas visuais, somadas aos fragmentos das cenas auditivas.

É importante perceber que a fantasia vivida por D. Helena tem início após sua gravidez interrompida, como forma de sublimação, primeiro pela negação da maternidade ouvida pela boca do seu marido, depois pelos diversos métodos a que foi submetida para a interrupção da gestação:

O certo é que Rose foi virando filha aos olhos de D. Helena, até que chegou àquele ponto. Houve tempo em que procurou dissimular os cuidados. Se zelava da boneca era de portas fechadas, falando baixinho, escondendo a metade dos objetos que comprava às ocultas. E como a fazendeira já entrava nos 20 anos de casada, tendo concebido somente uma vez, estava conformada. Doutor Jorge evitara a concepção. Empregara todos os meios possíveis. Chegou mesmo a provocar um aborto. (NETO, Euclides, 1922, p. 20.)

Tal fato serve-nos para ilustrar, também, os três tempos da fantasia em Freud. Primeiro, “o tra-

4 FREUD, Sigmund. *Rascunho L* (2/5/1897). Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Liz Maria Teles de Sá Almeida

balho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito” (FREUD, 1907): D. Helena e Doutor Jorge perceberam ter chegado o momento de ter um herdeiro e começaram a fazer tentativas, todas frustradas; segundo, “dali retrocede à lembrança de uma experiência anterior”: a primeira gravidez de D. Helena fora interrompida por decisão de seu esposo, que programou um aborto; terceiro, “criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo”: D. Helena passa a viver a fantasia de que a boneca Rose é sua legítima filha.

A fantasia parece exercer em D. Helena a mesma função que exerce na criança, a de propor soluções para os diferentes enigmas que a criança virá enfrentar. Sabemos da delicadeza com que os adultos tratam suas fantasias, diferentemente das crianças, que não se envergonham em realizá-la por meio do brincar. A fantasia criada por D. Helena com a boneca Rose Marie nada mais é do que um sub-rogado assim como Freud confirma no volume IX, em *Escritores criativos e devaneios*⁵

contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia. (FREUD, 1907, grifos do autor)

Ao revelar-se em sua fantasia, D. Helena causa grande repulsa àqueles que observam e principalmente participam daquela relação:

Senhoras curiosas espiavam das janelas semicerradas. Mastigavam certo riso de mofa. As meninas cercavam a boneca. Perguntadeiras, investigavam tudo. Buliam nos sapatinhos de pelica, fiscalizavam as roupas internas, pediam a Donata que deixassem empurrar o carro. (NETO, Euclides, 1922, p.25)

Quanto aos empregados da casa, encaravam a situação de um modo sarcástico e, sem muita opção, entravam na fantasia da patroa para agradá-la e se divertirem. Pelas costas, caçoavam dos devaneios de D. Helena e riam muito daquela situação:

Donata abriu um pouco os olhos. As outras empregadas vieram à porta, repararam o traje bonito da patroa e bisbilhotaram:

- Neném está doente D. Helena?
- Foi esta cabeça de vento que a deixou, coitadinha, tomar sereno.
- Oh! Donata! Por que você fez isso? Acrescentou a cozinheira.

5 FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios*. Volume IX, 1907. (Edição eletrônica)

Donata fez ar de riso contido e:
- eu não pude menina, quando menos esperei chuvei. Eu estava lá no jardim e vim correndo.
Dona Helena saboreava cada expressão das empregadas. Elas gostavam muito de agradá-la daquele modo.
(NETO, Euclides, 1922, p.36)

A ânsia de realizar um desejo faz com que D. Helena revele sua “lembrança encobridora” por meio da fantasia; assim, passa a ser alvo de zombaria dos outros. Freud já anunciava as consequências de tal revelação por parte do adulto:

O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia o seu desenvolvimento –, o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando ‘de adulto’, imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos. Ela não têm motivos para ocultar esse desejo. Já com o adulto o caso é diferente. Por um lado, sabe que dele se espera que não continue a brincar ou a fantasiar, mas que atue no mundo real; por outro lado, alguns dos desejos que provocam suas fantasias são de tal gênero que é essencial ocultá-las. Assim, o adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas. (FREUD, 1907)

Por uma posição na hierarquia social, D. Helena não se incomodava em mostrar suas atividades maternas aos empregados; todavia, no retorno do marido, escondia a filha e os cuidados eram disfarçados. Até que a história foi revelada aos poucos, mas Dr. Jorge, já insatisfeito com o casamento, ignorava a situação da mulher e dizia apenas que ela era uma criança grande que ainda gostava de brincar de boneca.

Certo tempo depois, a realidade da filha era fato para D. Helena, que chegou até a comprar seguro saúde e educação pensando no futuro de Rose. Pagou um valor absurdo num atendimento médico quando cismou que sua filha estava doente, logo depois de uma resfriagem, quando Donata, a empregada, demorou de retornar do passeio ao entardecer, com Rose.

Ao tentar descobrir a verdade sobre a filha, para quem D. Helena insistia em querer medicação sem apresentá-la no consultório, o médico, procurado pela desesperada senhora, persistiu até conseguir uma visita da mãe acompanhada pela filha e assim constatou o que todos comentavam sobre a cliente na clínica. De imediato percebeu que se tratava de uma cliente para psiquiatria, mas, mesmo assim, utilizou um suposto interesse em aprofundar seus conhecimentos na área para também extorquir a mulher do fazendeiro. Após diversas consultas intercaladas com vários questionamentos feitos pelo médico sobre a vida da criança e de sua mãe e mais uma pilha de remédios, D. Helena teve sua filha curada da pneumonia.

Contudo, a fantasia de D. Helena durou até o momento em que, numa de suas visitas rotineiras ao médico de Rose Marie, foi abordada pela atendente do consultório, que logo a despachou dizendo que o médico não poderia atendê-la. Em seguida, a moça dirigiu-se à sala do médico para auxiliá-lo em um aborto. Já imaginando o que estaria acontecendo, a mulher do fazendeiro não conteve a curiosidade e observou pelo buraco da fechadura. D. Helena não pensaria que ao tentar saciar sua curiosidade, faria vir à tona o “recalcado”, pois, ao ver o médico cortando em pequenas partes o corpo de um feto, desesperou-se e voltou para a casa.

A fechadura, metaforicamente, representaria o curto espaço que separava a fantasia da realidade, pondo de um lado, uma construção criada e sustentada por D. Helena, a filha Rose, e, de outro, o real, a criança morta, fazendo retornar o que estava latente. Tensa, ao chegar em casa a mulher tomou um café quente e adormeceu; ao acordar solicitou que a empregada trouxesse a boneca Rose. A partir de então lembraria de todo o sofrimento que passou ao fazer um aborto no início de seu casamento. Olhou fixamente a boneca e percebeu seu olhar parado e sem vida, sua frieza, diferente das filhas das outras mulheres que encontrara no consultório.

Donata trouxe a boneca. A mãe alisou os cabelos ruivos, suspendeu a filha e viu os olhos que se movimentavam presos ao arame que, por sua vez era impulsionado por uma borracha. Entristeceu-se. Os cílios de Rose pareciam goma arábica seca. Era fria.

Não havia amor naquela expressão de tinta morta. Onde estavam os movimentos dos braços, a façoirice de Lúcia? Daquela menina que via no primeiro dia de consultório? Rose não tinha um gesto de amor, faltava quentura nos olhos azuis. Profunda tristeza abateu a fazendeira. Sua vida tornou-se mais vazia. (NETO, Euclides, 1922, p.156-157.)

Este seria então o fim de uma fantasia construída como alternativa a um casamento frustrado e principalmente como reação à impossibilidade de ter um filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez D. Helena necessitasse daquela fantasia para que sua vida tivesse sentido; para poder atuar no mundo real, cheio de impossibilidades e proibições impostas a uma mulher que nunca era ouvida e via o sentido de viver em um único desejo (não realizado): ser mãe.

Liz Maria Teles de Sá Almeida

Imensas são as criações literárias utilizadas por grandes psicanalistas como Freud, Lacan, Jung, entre outros, para discutir questões ligadas ao inconsciente e, embora muitos de seus exemplos (poderíamos citar um de que gostamos, especialmente: “Complexo de Édipo, de Freud) não tenham passado de literatura sobre literatura, é inegável a contribuição da Psicanálise para o desvendar dos mistérios do inconsciente. Como também é muito difícil pensar nessas contribuições sem a colaboração dos devaneios de nossos escritores e poetas, que sempre legaram à humanidade as suas fantasias mais íntimas.

Assim, neste texto, não nos propusemos apenas a revisitar a obra de Euclides Neto, como também, embora de modo incipiente, convidar os leitores para outras possibilidades de exercitar o olhar sobre esta obra e, nesse ínterim, ensaiar alguns dos temas de debate suscitados pelo diálogo entre estas instigantes áreas do conhecimento: Literatura e Psicanálise.

Dentro da ideologia euclidiana, D. Helena não seria a mais importante personagem da narrativa sobre a qual estamos discutindo; todavia, nos serviu de pretexto para ensaiar reflexões acerca de um tema de grande relevância para a psicanálise: a fantasia.

REFERÊNCIAS

CHALHUB, Samira. **A animação da escrita**. São Paulo (Hacker Editores): CEsPuc: FAPESP, 1999.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneios**. (1907[1907]). In: *‘Gradiva’ de Jensen e outros trabalhos*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Rascunho L (2/5/1897)**. In: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos VI. (1895[1894])*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

NETO, Euclides. **Os magros**. 2a.ed. São Paulo: GSB, 1992.

_____. **A enxada e a mulher que venceu o próprio destino**. São Paulo: Littera, 1996.

_____. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: Edítus, 1997.

Liz Maria Teles de Sá Almeida

PIGLIA, Ricardo. **O melodrama do inconsciente**. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Psicanálise e Literatura, v.III, nº15, novembro de 1988, p.110-114.

RUDGE, Ana M. **As fantasias oníricas para que servem?** In: *Psyché*, São Paulo. v.3, dezembro de 1992, p. 63-72.